



Coronel Miguel Fernandes Pinto

## As múltiplas faces do Coronel Ribeiro Soares



**T**orna-se bastante difícil apresentar um militar, ao mesmo tempo por dentro e por fora do âmbito profissional, focando a sua actividade num todo que, afinal, caracteriza uma vida. Pelos dados recolhidos, promove-se, então, uma aliança com o substrato militar sempre a pautar o caminho mais fácil para uma introdução.

Daí que invoque de imediato, a partir de 1956, um troço comum para, de mãos dadas, percorrer como alunos do mesmo Curso Geral a preparação para, seguindo na Arma de Artilharia, logo em 1961, cada um ir cumprir as exigências obrigatórias no período seguinte até findar a guerra no antigo Ultramar, em 1974. E, não fosse a vantagem do directo conhecimento por natural convívio durante aquele primeiro percurso, perderia alguns dados a repercutirem-se no segundo. Ora, não desejando reproduzir, passo a passo, o currículo da carreira militar, podemos, todavia, balizar a sua progressão com algumas

bandeiras e sinais marcantes. E destes, ostentando ainda o emblema de estudante, ficar impresso na memória o cunho de uma força da natureza privilegiando uma vontade de trabalho persistente, de recuperação do esforço e de notável capacidade de superar as dificuldades. Para ilustração da imagem sempre se poderá observar aquele inopinado obstáculo, em 1957, que demorou a passar durante dois meses, internado em dois hospitais civis, para depois recuperar do atraso que poderia ser fatal, uma vez vencida a doença, acompanhando os camaradas em normalidade de finalização do ano.

### A face de militar combatente

Na verdade, deixo o anterior testemunho para, no momento em que se dá o salto para outras Áfricas, se apreciar, de algum modo, se aquelas virtualidades se sublimaram num clima diferente. E assim, logo



que se inscreva a data de 1974, após o conhecimento dos factos ocorridos, se desejarmos sair airosoamente do continente africano, mais sabedores do passado, devemos acrescentar à lista os atributos de espírito empreendedor, corajoso, não acomodaticio, crítico consciente, de exigente auto-disciplina, inato sentimento de justiça, interesse pelo bem comum e de estudo metuculoso dos problemas, tudo isso suportado por poderosa memória. Então para ilustração desses 14 anos, que serviram para *religar* o caminho seguido pelo Alberto Ribeiro Soares no desempenho de variadas funções, desde Alferes até Major, em 1974, mesmo sem a habitual apresentação com toque curricular, a descrição é ainda discreta. Tirante pouco mais de dois anos de permanência continental, o cenário abrangeu os restantes por Angola (61-63), Moçambique (64-66) e Angola (68-74). E se, entretanto, desejarmos salientar no cumprimento das missões, em que se insere o rol das virtudes citadas, fruto das actividades atinentes às campanhas em ambiente de guerra, mais ou menos comuns aos combatentes, a situação passa a um relevo extraordinário. De facto, o timbre marcante ultrapassa a posição vulgar de limitada e obrigatória assunção das inerentes responsabilidades de comando. E dá para meditar, quando voluntariamente se processa um oferecimento para comandar uma outra Companhia de Caçadores cumulativamente com a sua Bateria de Artilharia, ambas na Zona Leste de Angola, com diversas baixas e aquela em acentuado pendor de indisciplina. Ora, se a simplicidade se caracteriza por esse passo, a distinção do carácter marca pontos, vindo naturalmente ao de cima. A heroicidade reflecte-se também por esse prisma. E tanto mais se consciente.



## Uma outra face de militar

Nesta outra fase até à passagem à Reserva, em 1989, talvez nos arrisquemos a considerar mais brilhante a sua ascensão até ao topo da carreira no posto de Coronel. Daí que deveremos acompanhar os passos, visionando o percurso já com a intenção de observar os desvios para o exterior sem, contudo, perder o rumo castrense. Além dos cursos e estágios de formação militar obrigatória, o excedente de vontade, tempo e energia vai-o dedicando a trabalhos no campo do cultivo e valorização académica. E nessa compatibilidade os estudos na área de Ciências Pedagógicas e de Geografia conduzem a actividades lectivas. Só que, insatisfeito, intensificando o contínuo labor e reduzindo os tempos livres, vira-se para o

(Foto do título) 1960, Tirocinante na EPA.  
(Ao lado) 1961, Alferes no Norte de Angola.



(Da esq.<sup>a</sup> para a dir.<sup>a</sup>) 1962, Alferes em Angola, prova de rancho no Mazumbo. 1963, Tenente, comanda a CART 106 no regresso a Coimbra. 1969, Capitão na CCAÇ 2360, a difícil escolha do menu. 1968, Capitão na BTR 522, Leste de Angola.

espaço do jornalismo e da divulgação de efeitos na comunicação social. Não admira que, dado o gosto por esse recanto e pela investigação de carácter histórico, após elaboração diversa por órgãos da Imprensa Militar, surja aureolado com o título de Mestre em Ciências de Informação. O passo seguinte é dar-se conta de honroso convite para Professor na Universidade Católica durante um ano lectivo.

Ora, esta distinção, ao encontro da caminhada interrompida em 1974, vem, de certo modo, sublimar a pré-visão dos pontos antes abordados. E, ultrapassando os pormenores dos trabalhos decorrentes da execução e divulgação, vamos deter-nos em dois cumes para melhor observar as pistas, militar e civil, se bem que ainda sob o traçado militar.

Agigantando-se o padrão levantado a 25 de Abril, olhando para trás, e por mais rodeios que se façam, sempre aí permanecerá enquanto monumento incontornável. E porque é visível e se vem iluminando em continuidade até hoje, embora sob a luz de diversos focos, empunhados também pela mão de diferentes gentes com inúmeras inclinações, é que se foge à tentação de o mirar de novo. Mas vale a pena uma paragem. Julga-se que as posições por ele ocupadas a partir dessa data, se entrarmos pela terminologia militar, vão transitando por lugares de Direcções da Arma, Repartições de Quartéis Gerais, Departamentos de Estado-Maior e o designam por Subchefe ou Chefe, 2.º Comandante ou Comandante que acabou por ser no Regimento de Artilharia Antiaérea 1, lá para os fins de 1988, início do ano seguinte. Efectivamente, não serão as habituais mudanças de funções nem os deslocamentos, normal nessas andanças, que nos fixa a pena para escrever que se a isso se restringisse a parte selectiva, no fim concluir-se-ia que o dever de militar estaria cumprido e ponto final. Portanto, a inflexão passa à comunicação dos trabalhos para se encontrar um resultado extra, e extraordinário se diz o labor logo que os frutos vão surgindo através de publicações, em que de início se destaca o livrinho *Os Sargentos do Exército Português*.

## A face de comunicador e o gosto pelos estudos sociais

Ora, sem perder de vista o interesse em regressar aos encontros provocados pelo 25 de Abril, às tantas, a partir de 1988, vê-se o Coronel Alberto

Ribeiro Soares fora da efectividade do serviço, sem que deixe de intensificar as relações com os conhecimentos, entretanto adquiridos e armazenados, para a confecção de produtos de gosto mediático em que se sentia bem e realizado. Abraçando com devoção as funções docentes de jornalismo ou de simples comunicador, desempenhou com desvelo, logo a partir do ano seguinte, todos os lugares possíveis como membro do corpo directivo da *Revista Militar*, assinalando-se, de passagem, o de Director-Gerente (1996-2000), e lá permanecendo como sócio, efectivamente a transitar para Secretário da Mesa da Assembleia Geral (2005-2008). De resto, desdobrando-se por outros ramos entroncados naquele corpo principal, sempre se destacará o seu pendor desportivo, ora como jornalista e analista (*Record*), ora como intrépido comentador alcançado ao posto de Director de outra publicação (*Gazeta dos Desportos*). Ainda assim a não perder de vista as influências dentro da Associação de Oficiais das Forças Armadas, por cuja deambulação se associa a colheita de interesses profissionais e onde a sua presença animasse os oficiais em mais uma frente de combate. No entanto, o seu magnetismo, a induzir que, uma vez activado, tirocinado em múltiplas entradas, em função de direcção de empresas e também como jornalista, mais o seduziria, não admira que, após os seguintes cinco anos, não resistisse ao chamamento para o exercício de Director da Biblioteca do Exército, onde melhor se sentiria para desbravar montes de documentos, sedento de penetrar em fontes de outros saberes. E, talvez, por essa hipnótica sereia, se tenha esquecido, frequentemente, de regressar ao fim do dia ao seio doméstico continuando pela noite dentro imerso na exploração de novos cantos. Dessa absorvente tarefa, a não dar tréguas ao descanso, por uma metódica e persistente compilação de elementos, demonstrou que demoraria aí cerca de dez anos, para, aliviado da febre dos estudos, sair depois confortado com os produtos, entretanto, conseguidos. E se, porventura, desejasse competir com a lista participativa da produtividade na sua diversidade, até neste meu limitado papel, o preenchimento do rol se rebelasse com a pretensão. Mas tem cabimento a lembrança daqueles dotes de que a natureza o fadou, não ficando frustrado o anúncio prévio das capacidades referenciadas.



Na organização desta exposição a englobar ainda o não tempo para satisfazer mais projectos, há que citar o do *Almanaque do Exército* e por vital impulso os volumes primeiros da *Imprensa Militar Portuguesa* e de os *Generais do Exército Português*, trabalhos de longo fôlego a fazer jus à omnipresente menção das suas qualidades antes expressas. E nessa embalagem, quando se tornou essencial invocar alguém para não deixar em branco a celebração de cerimónias comemorativas dos 25, 40 e 50 anos do seu Curso Geral Preparatório, até o nome do antigo aluno Soares se perfilou à frente do simples movimento de boas vontades, apadrinhando já o projecto dos 60 anos, se a saúde o permitir. De resto, os projectos que se cuidem quando a sua luta não se

1983, Provas de Mestrado na Universidade Católica, com Borges de Macedo, Artur Anselmo e Mário Mesquita.



1991, no 10.º Encontro de Estudos Militares, a receber o 1.º Prémio.



detém e se alia ao exercício de continuar progredindo no sonho de “Mais Além”, ficando por mencionar na qualidade de director da revista *Combatente* (2003-08), a autoria virada para a participação de *A Mulher Portuguesa na Guerra e nas Forças Armadas*.

Perante o dinamismo evidenciado, difícil se tornaria silenciá-lo. Acumular mais factos não modifica o corpo dado a conhecer nem a fisionomia. Todavia, falta voltar ao posto de observação instalado logo após o 25 de Abril. Por um lado, tendo-se integrado na evolução revolucionária do movimento, privilegiada testemunha dos sobressaltos havidos, pode ainda orgulhar-se de ter contribuído na função de 2.º Comandante do CIAAC, em Cascais, para manter a Unidade prestável e firme numa altura em que a enxurrada ia arrastando outras para o turbilhão da irresponsável aventura, dita revolucionária. Com este apontamento, vem ao de cima o brilho do seu carácter, mesmo afrontando o poder e os desígnios inconfessáveis deste, ciente de que o apego à efémera glória de então o não seduzia, mantendo-se vertical e repudiando o aproveitamento de navegação em águas turvas. Aliás, ao longo da sua vida, uma rara qualidade de inato sentido de justiça ensombrando, por vezes, uma restrita visão sectária de outros, chocou com essa deficiência social, ainda hoje a crescer na sociedade. E cultivando-a, também nem se calou ou teve receio de consequências.

Ora, porque conviveu de perto com aquela realidade, fotografando-a em memória, em 1994 surgiu a obra com base no visionamento do jornal *Expresso* sobre “Militares Revolucionários – 1975” a que o Autor lhe acrescentou “Um retrato robot”. E será nesta desconfortável pose, da minha parte, que arrisco a inclinar-me para transmitir que, historicamente classificando-se esse trabalho como de “cola e tesoura”, a resultante transcende a suposta facilidade desse método. Afinal, estando ao alcance de todos, mas coligindo os dados repartidos por diferenciados capítulos segundo vários perfis, a que não deixou de envolver com o certo enquadramento graças ao seu discernimento cultural, deixa-nos uma obra valiosa para consulta futura. E dará para consultar sobre o que aconteceu ou deixou de acontecer, os impreparados militares deixando-se ir pelas correntes ao sabor progressivo do movimento. Muitos, de fora, nem se aperceberam das convulsões do corpo pátrio, prestes a despenhar-se no precipício da demagogia, da queda aparatosa nos



2002, na Revista Militar, a ser condecorado pelo CEME, General Silva Viegas.

braços da indisciplina militar ou de ir parar no lodo dos fundões traiçoeiros da política. E pelo andar dos revolucionários retratados, muitos a vangloriarem-se de encarnar o genuíno pulsar do povo, transparece a preocupação da maioria desse mesmo povo, cujos sentimentos foram desrespeitados.

Se neste simbólico itinerário, houvesse, então, que nos deter à porta da passagem à Reserva, claramente não enxergaríamos a distinção de novos elementos. E sob este engano faltaria ainda complementar que, no denso círculo à roda da comunicação social, colaborando aqui, assessorando além, dirigindo e gerindo, analisando em inúmeros órgãos, assistindo e participando em conferências e colóquios, passando de jornais e revistas a exposições na TV, centenas de títulos de acções permanecem omissos, ganhando por isso uma não consumição de os expor. Todavia, poderemos passar em frente, cientes de que a vasta produção do Coronel Ribeiro Soares ter sido devidamente apreciada pelos altos chefes militares. E não fosse o facto de se ter escrito por linhas desalinhadas a “vontade de Deus”, segundo um antigo ditado, não se teria a certeza de se distinguir o mérito por inteiro advindo de um último período de cerca de 10 anos anterior à passagem à situação de Reforma.

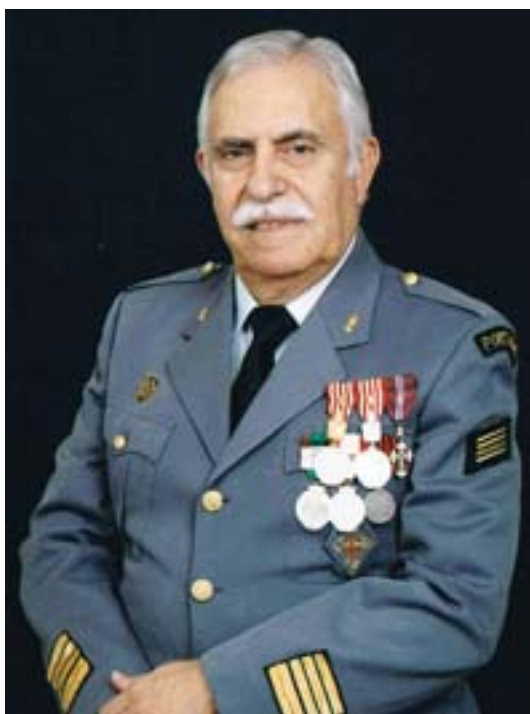
E porque assim se considera, finalmente viu-se esse reconhecimento nos anos de 2002 e 2003, traduzindo-se a distinção por medalhas de prata e de ouro, já que procedia de 1971 a do Mérito Militar ganha em campanha. Desta sorte, compete-me encerrar a intervenção, concluindo-se no contexto:

Que o conceito de extraordinário assenta bem num ser dotado de atributos comuns como os referidos, sem necessidade de qualificados por génio, herói ou santo;

Que revolucionando-se essa imagem pelo lado positivo, reconhece-se que estará por saldar a dívida para todos aqueles que, sem alardes, em 1975, assu-



2004, Director do “Combatente”, com a Direcção Central da Liga dos Combatentes.



2003, na passagem à Reforma.

miram, sem omissões de complexada textura, o papel digno de militar ao serviço da Pátria votada pelo seu Povo;

Que o retrato do Coronel Ribeiro Soares agora obtido, embora singelo, chega para avaliar as faces expostas de consagração da sua figura, se uma luz a focar sem restrições e sem reservas para análise. E neste sentido julga-se que o Exército o deverá expor para, constar como exemplo de quem uma vida inteira lhe deu lustre dedicando-lhe as forças do corpo e da alma, através deste seu *JE. JE*